

A MADEIRA PARA LUTHER

Joe Edwards

Havia quase quatro meses que Luther retornara da guerra. Agora estava trabalhando em um laticínio em Mount Vernon, no mesmo local onde sua esposa, Jenny, também trabalhava.

Nessa manhã ele estava no Miller Café, um pequeno estabelecimento na cidade que ficava ao lado do correio, à espera de que o correio abrisse. Sentado à mesma mesa estava seu amigo Fred Hill. Discutiam sobre a guerra no Pacífico, que ainda não acabara. Os pôsteres convocando os homens para o alistamento ainda revestiam as paredes do pequeno café.

Fred não servira o exército, porque, quando a guerra começou em 1941, os pais dele estavam muito doentes - o pai com problemas de coração, e a mãe com câncer. Ele era necessário ali, pois tinha de cuidar dos pais e trabalhar na fazenda. Seus pais morreram algum tempo depois, e a fazenda então era dele - dele e de Maggie.

Fred se sentia culpado, e sua culpa aflorava toda vez que algo relacionado à guerra ocorria: quando Luther, seu melhor amigo de infância, sobrevoou Miller em seu B-17, quando os corpos de Billie e Martin, os filhos dos Hobbs, foram enviados para a cidade natal deles, ou ainda quando Perry voltou para casa com dois ganchos em vez das mãos. Ele achava que não tinha feito a sua parte para ajudar seu país durante a guerra e, aos olhos próprios, sentia-se diminuído.

Hoje, porém, era Luther quem parecia abatido. Fred perguntou o que o estava preocupando:

- Você está muito abatido, Luther - disse ele. - Não consigo entender o que poderia deixá-lo assim. Você saiu ileso da guerra, tem uma esposa linda e um filho que está para nascer; além disso, tem um bom trabalho. Qual é o problema?

- A mãe de Jenny está muito mal - disse Luther. Teremos de acolhê-la em nossa casa e, quando o bebê chegar, não haverá espaço suficiente na casa.

- Você não poderia construir um cômodo a mais? - perguntou Fred.

- Não consigo comprar madeira. Parece que o estoque acabou - retrucou Luther. - Tentei comprar aqui, em Mount Vernon, Springfield e Joplin. Parece que não haverá nenhuma remessa enquanto estivermos em guerra. Só Deus sabe quanto tempo estaremos nessa situação.

- Você já tentou a madeireira do Will?

- Já, mas ele só trabalha com carvalho, e a madeira está verde. O bebê vai nascer em agosto, e não podemos esperar até a madeira secar. Além disso, não dá para construir um quarto todo com carvalho.

- Não mesmo! - concordou Fred. - Acho que o corredor abriu.

- É provável! - concordou Luther.

Os dois rapazes saíram do café e foram ao correio. Buford Patten, o encarregado pelo estabelecimento, levantou a porta até a altura da janela de atendimento e avisou que as cartas estavam em suas respectivas caixas.

Luther e Fred pegaram a correspondência e foram embora - Luther para Mount Vernon, onde trabalhava, e Fred para a fazenda.

No fim da tarde, após tirar o leite das vacas, Fred sentou-se na varanda com Maggie. Ele comentou que os dias estavam ficando mais longos: "É possível fazer metade das tarefas diárias depois das cinco da tarde".

Maggie o avisou de que o rádio noticiara que choveria aquela noite: "É melhor guardar o carro de seu pai na garagem".

O pai de Fred, um pouco antes de sofrer o ataque do coração, comprara um Ford 1941 novo, que agora pertencia a Fred. Este construía uma nova garagem antes do Natal, e ficou feliz em saber que a fizera no momento certo - antes de o estoque de madeira acabar. Ele nem sabia disso, mas Luther o informara a esse respeito essa manhã.

Fred colocou o carro na garagem e trancou a porta. Deu a volta por trás da casa e voltou para a varanda na frente da casa. Algo o preocupava, mas não conseguia discernir exatamente o que o incomodava. Procurou esquecer e sentou-se na varanda com Maggie até o cair da noite. Ali, puderam ver os relâmpagos a oeste, e o vento começou a soprar mais forte. Entraram para ouvir no rádio as notícias sobre a guerra e, logo depois, foram dormir.

Na manhã seguinte, Fred tirou a caminhonete da garagem para novamente buscar a correspondência. O ar da manhã estava ameno e claro, pois a chuva o havia limpado. O sol apareceu, e ele se sentia bem. Quando chegou ao café Miller, Luther já estava lá.

- Ainda não achou a madeira, não é mesmo? - perguntou Fred.

- Ainda não. Perguntei para todo mundo no trabalho, e parece que ninguém sabe de nada. Não sei o que fazer.

Então, a causa que importunava Fred tomou forma. Sem hesitar, Fred disse que encontrara a madeira. Luther ficou extasiado: "Achou? Onde?".

Fred explicou que era de um amigo e que ele a daria para Luther, pois este era um veterano de guerra.

- Como ele não quer que você saiba quem ele é, eu terei de trazê-la para você. Parece que é madeira boa, abeto e pinho, cortada em diferentes comprimentos. Apesar de ter pregos nela, isso não atrapalhará sua construção. Vamos fazer o seguinte: você prepara o alicerce, e eu lhe trarei uma caminhonete cheia todos os dias. Depois, eu o ajudo a construir. Garanto que acabaremos antes de o bebê nascer.

Luther, enquanto dirigia a Mount Vernon, pensou com seus botões: "Isso é que é amigo!". Nessa noite, trouxe em sua caminhonete sacos de cimento para o alicerce.

Luther escavou o solo e jogou o cimento. Quando tudo estava preparado para o alicerce, ele avisou Fred, que se prontificou a trazer o primeiro carregamento: "Eu já estarei em sua casa quando você chegar do trabalho".

Todo fim de tarde, Fred chegava à casa de Luther com um carregamento de madeira, e os dois homens trabalhavam na construção até não conseguirem enxergar mais nada devido à escuridão. Algumas vezes, Maggie também vinha, e as mulheres entravam e ficavam ouvindo o

rádio, ou falando sobre bebês, ou ainda sobre a saúde da mãe de Jenny. A conversa delas era pontuada pelas batidas do martelo lá fora.

Em poucas semanas, já era possível ver o novo cômodo, com todo o acabamento e com o telhado. Luther, impressionado, perguntou:

- Esse cara tem todo tipo de material!

Luther não insistiu, pois muitos dos camaradas, mais velhos, gostavam de ajudar anonimamente os jovens veteranos de guerra. Isso era muito comum.

O quarto estava pronto! As mulheres arrumaram o quarto e instalaram a mãe de Jenny ali. Os homens voltaram para seus afazeres.

Uma noite, à hora do jantar, Luther disse a Jenny que gostaria de fazer uma surpresa para o Fred e a Maggie, que foram tão prestativos na construção do novo cômodo.

Jenny teve uma ideia brilhante:

-A Maggie gosta daquelas espreguiçadeiras de madeira, como as que a tia Birdie tem no gramado. Por que não compramos duas dessas cadeiras?

Luther concordou: "Boa ideia!", e no sábado seguinte ele comprou as duas cadeiras e as colocou na caminhonete.

Quando ele chegou à fazenda de Fred e Maggie, não havia ninguém em casa, pois eles tinham ido fazer compras em Springfield. Fred decidiu que colocaria as cadeiras na garagem, pois, se chovesse, estariam mais protegidas.

Ele deu a volta na casa com sua caminhonete e pegou o caminho que levava à nova garagem de Fred.

A garagem, no entanto, desaparecera! Só restou o alicerce, que indicava onde ela estivera.

Luther, com os olhos rasos de água, colocou as cadeiras na varanda e foi para casa.

Esses dois homens, agora com mais de 70 anos, ainda são amigos do peito. Eles, no entanto, nunca comentaram esse acontecimento.

Como poderiam? Não havia nada a dizer!